

## A mulher no tambor de mina do Maranhão

### A mulher no tambor de mina - Análise da posição e representa- ção da mulher e das entidades espirituais femininas no tambor de mina do Maranhão

# Religião Afro-Brasileira

#### Introdução

Embora a presença da mulher na religião afro-brasileira tenha sido sempre notada e demonstrada por muitos pesquisadores, ainda há uma carência de estudos sobre a participação do feminino nas diversas manifestações religiosas afro-brasileiras: candomblé, umbanda, batuque, xangô, tambor de mina e outras. Neste trabalho pretendemos investigar a posição da mulher das entidades espirituais femininas no tambor de mina do Maranhão e fazer uma análise de alguns rituais realizados em terreiros de São Luís, para entidades femininas, procurando ver como a mulher (ou o feminino) é representada nesses rituais.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Apresentado em minicurso em Teresopolis no 18º Encontro Anual de Antropologia, Rio de Janeiro, e em oficina coordenada por Maria Helena de Vasconcelos, 21-23 de maio de 1998.

Alguns rituais foram publicados em um trabalho afro-brasileiro que abrangeu um período de 1978 a 1997, com ênfase no destaque. Almeida (1980 e 1997), Guimarães e Almeida (1983), Guimarães (1987), Lima (1987), Almeida (1997), Almeida (1998). Em São Luís, alguns rituais que têm sido realizados em terreiros de entidades das cores de São Salvador (1984), São João (1987), Leite (1984), Almeida.

Na maioria de rituais — manifestação da religião afro-brasileira típica do Maranhão — é predominantemente a mulher a chefe dos terreiros. Com pouca frequência há homens que atuam como sacerdotes (que podem ser chamados de "terreiros observados" em terminologia europeia), embora haja, de modo geral, uma divisão entre o sistema religioso masculino e o feminino, mas a maioria dos rituais são realizados por mulheres.

Em São Luís, nos terreiros de matriz africana, não costumam entrar em transe os quando recebem uma entidade espiritual, não dança tambor. Porém, se alguém nunca assume a chefia do terreiro, o que geralmente é uma questão de existência de um matriarcado no terreiro africano. Embora tenha havido no Maranhão, em alguns pontos do estado e no início do nosso século, alguns terreiros onde quem atuavam mães de terreiro, geralmente as brancas mulheres são lembradas como "pães-de-santo" ou "pães-de-santa" — é difícil lembrar, embora existam algumas "pães-de-santa" em alguns terreiros, como em São João, Mãe Severa, Mãe Alice, Mãe Maria, Mãe Rosa, Mãe Maria de São João.

A partir dos rituais realizados hoje em São Luís nos terreiros, onde tem sido abertos por homens (e geralmente são integrados no campo religioso afro-brasileiro nos terreiros em adoração), mas, mesmo nos terreiros abertos por eles, a mulher em maioria e ocupa posições de destaque. Embora não seja ali a mãe-de-santo, é, geralmente, a guia ou mãe-padeira e a contra-guia (a segunda e terceira pessoas da casa). Na casa Fanti-Ashanti (terreiro aberto em 1920 por Pai Euclides, já conhecido como curador, e que estruturou ali, em 1980, o candomblé), todas as posições hierárquicas logo abaixo do pai-de-santo são ocupadas por mulheres e, quando realizamos ali nosso trabalho de campo (1984-1987, 1997) dos participantes dos rituais de mina e 30% dos participantes do candomblé eram do sexo feminino (Guimarães, M.R., 1993).

A posição das entidades espirituais femininas nos terreiros de mina da capital maranhense parece, no entanto, inferior à das matrilineares, sejam elas vodum, xangô, umbanda ou candomblé, embora tenham sido as primeiras a serem reconhecidas nos rituais e de pertencentes à matriz vodum "em terra" por serem as primeiras a serem chamadas. As entidades femininas não são recebidas em ritos de rituais, e poucas são "dona" do terreiro ou da cabeça dos filhos-de-santo. Na maioria das entidades espirituais recebidas como "dona" da

## II

### A mulher no tambor de mina do Maranhão

No tambor de mina - manifestação da religião afro-brasileira típica do Maranhão é predominante no norte do Brasil - a mulher é maioria, tanto como médium de incorporação, quanto na chefia dos terreiros. Esta posição, apesar de maior nos terreiros antigos (que vem do século passado) é também observada em terreiros mais novos, onde a mina costuma coexistir com outros sistemas religiosos como: cura ou pajelança, mesa branca (kardecista), umbanda e o candomblé.

Em São Luís, nos terreiros mais antigos, homem não costuma entrar em transe e, quando recebe uma entidade espiritual, não dança tambor. Por essa razão, nunca assume a chefia do terreiro, o que justifica a afirmação da existência de um matriarcado no tambor de mina. Embora tenha havido no Maranhão, no século passado e no início do nosso século, alguns pais-de-santo que prepararam mães de terreiros importantes, só as mulheres são lembradas como "pilares" do tambor de mina - é difícil alguém contar a história da mina sem lembrar os nomes de Andresa, da Casa das Minas, Dudu, da Casa de Nagô, Anastácia, do Terreiro da Turquia, Vó Severa, Nhá Alice, Maximiana e de tantas outras mães-de-santo.

A partir dos anos cinquenta houve, em São Luís, uma proliferação de terreiros abertos por homens (geralmente já integrados no campo religioso afro-maranhense, como curador/pajé), mas, mesmo nos terreiros abertos por eles, a mulher tem maioria e ocupa posições de destaque. Embora não seja ali a mãe-de-santo, é, geralmente, a guia ou mãe-pequena e a contra-guia (a segunda e terceira pessoa da casa). Na casa Fanti-Ashanti (terreiro aberto em 1958 por Pai Euclides, já conhecido como curador, e que introduziu ali, em 1980, o candomblé), todas as posições hierárquicas logo abaixo do pai-de-santo são ocupadas por mulheres e, quando realizamos ali nosso trabalho de campo (1984-1987), 90% dos participantes dos toques de mina e 80% dos participantes do candomblé eram do sexo feminino (Ferretti, M.R., 1993).

A posição das entidades espirituais femininas nos terreiros de mina da capital maranhense parece, no entanto, inferior à das masculinas, sejam elas vodum, orixá, gentil (nobre associado a orixá) ou caboclo. Além delas serem numericamente inferiores e de, geralmente, permanecerem "em terra" por menos tempo que as masculinas, as entidades femininas não são recebidas em todos os rituais, e poucas são "donas" de terreiro ou da cabeça dos filhos-de-santo. Na mina, a maioria das entidades espirituais recebidas como "donas da

### A mulher no tambor de mina - Análise da posição e representação da mulher e das entidades espirituais femininas no tambor de mina do Maranhão\*

Mundicarmo Maria  
Rocha Ferretti

#### I Introdução

A importância da mulher na religião afro-brasileira tem sido afirmada e demonstrada por muitos pesquisadores, mas há uma carência de estudos sobre a representação do feminino nas diversas manifestações da religião afro-brasileira: candomblé, umbanda, batuque, xangô, tambor de mina e outras. Neste trabalho pretendemos examinar a posição da mulher e das entidades espirituais femininas no tambor de minas do Maranhão e fazer uma análise de alguns rituais realizados em terreiros de São Luís, para entidades femininas, procurando ver como a mulher (ou o feminino) é representada naqueles rituais<sup>1</sup>

\* Apresentado originalmente em Caxambu, no 18º Encontro Anual da ANPOCS/GT: Religião e Sociedade, coordenado por Maria Helena Concone - 23-27/11/1994.

<sup>1</sup> Entre os trabalhos publicados sobre religião afro-brasileira, que dão uma atenção especial à mulher, merecem destaque: Augras (1983 e 1989), Birman (1982), Boyer Araújo (1993), Costa Lima (1977), Landes (1947), Silverstein (1979), Segato (1979). Em São Luís, a questão foi também tratada em trabalhos ainda não publicados como os de Barbosa (1994), Brilman (1989), Leite (1984) e outros.

cabeça” ou guia-chefe (seu representante na linha de caboclo) pertence ao sexo masculino e, raramente, um terreiro tem como chefe espiritual uma entidade feminina. Embora o nome dos terreiros nem sempre reflita suas crenças e valores atuais, parece significativo que, num levantamento de terreiros maranhenses realizado por Maria do Rosário e Manuel Santos (Santos e Santos Neto, 1989) enquanto 60% dos terreiros de mina da capital eram dirigidos por mães-de-santo, menos de 20% dos que têm nome de santo ou de entidade espiritual tinham nomes femininos (Iemanjá, Rainha Rosa, Chica Baiana, Maria Bogi, Cabocla Ita, Nossa Senhora da Guia, Santa Bárbara).

Na casa das Minas-Jeje (terreiro considerado o mais antigo do Maranhão), embora o transe com vodum feminino tenha a mesma duração e ocorra nos mesmos rituais em que ocorra o das entidades masculinas, atualmente, só Abê está sendo recebida, o que significa que, atualmente, mais de 90% das vodunsis da casa entram em transe com vodum masculino (Dossu, Lepon, Averequete, Jotim e outros). No passado, no entanto, eram também recebidas ali, pelas vodunsis-gonjai (com iniciação completa) as tobôssis - entidades femininas infantis (meninas) que, embora não fossem “donas de cabeça”, eram recebidas, com orgulho, fora do “toque”, nas festas e obrigações grandes.

Na Casa de Nagô (fundada por africanas, no século passado, como a Casa das Minas-Jeje, onde se recebem orixás, voduns, gentis e caboclos) embora não haja uma festa ou ritual só para entidades femininas, elas são incorporadas, principalmente, na festa de Santa Bárbara e na Bancada (ritual realizado na quarta-feira de cinzas, onde há grande distribuição de doces e frutas, de que nos ocuparemos mais adiante, neste trabalho). Na casa de Nagô, embora as entidades femininas e os gentis participem dos toques, nunca ficam “em terra” até o encerramento dos rituais. Depois de algum tempo, costumam “dar passagem” a uma entidade masculina e cabocla, prática também observada em outros terreiros.

Em diversos terreiros de São Luís costuma ocorrer uma festa só para entidades femininas, freqüentemente denominadas tobôssas, realizada, geralmente, no aniversário da “senhora” do pai ou mãe-de-santo, ou no dia de uma santa do catolicismo a ela associada: Santana (associada a Vó Missã ou Nanã), Santa Bárbara (a Maria Bárbara Soeira, a Iansã e outras), Nossa Senhora da Conceição (a Mãe Maria e a Iemanjá), Santa Luzia (a linha de princesas da Cura/

Pajelança) e outras. Nestes terreiros, as festas e os rituais para as tabôssas são, geralmente, muito dispendiosas, pois envolvem luxo, delicadeza e sofisticação - “coisas finas”, de classe alta, e distribuição de alimentos. Entre estes rituais, merecem destaque: a *bancada* e o *tambor das tobôssas*, realizados em muitos terreiros de mina da capital, onde o feminino e o infantil estão muito associados.

### III

#### Bancada e tambor das tobôssas (“senhoras”)<sup>2</sup>

O termo bancada designa, no tambor de mina, rituais realizados na Casa das Minas-Jeje, na casa de Nagô (terreiros de São Luís fundados por africanos) e em terreiros nelas inspirados, na quarta-feira de cinzas, onde há grande distribuição de frutas, doces, bebidas, pipocas e outros alimentos, a pessoas ligadas à religião ou ao pessoal a ela devotado. Estes alimentos, antes de serem distribuídos permanecem por várias horas no quarto de santo e sua preparação envolve a observância de muitos preceitos. Na Mina-Jeje, a distribuição é feita pelas filhas-de-santo em transe com voduns masculinos ou femininos e inclui, obrigatoriamente, pipoca, “azogri” - farinha de milho torrado misturada com açúcar, coco e feijão torrados (Ferretti, S.F., 1985 e 1991). Na casa de Nagô, a bancada é realizada pelas filhas-de-santo incorporadas com entidade espiritual feminina (adulta ou menina, como a Princesa Mira e Diana) ou como entidade masculina (vodum, como Xapanã, gentil, como Dom João, e caboclo, como Tabajara).

Em outros terreiros de São Luís, a bancada costuma ser realizada apenas com entidades femininas, de preferência com as nobres (rainhas e princesas) e, em

<sup>2</sup> Apesar de Costa Eduardo (1948) ter denominado as tobôssis da Casa das Minas-Jeje de tobosa, as vodunsis daquele terreiro denominam tobôssis as entidades femininas infantis recebidas, no ano passado, pelas gonjai e que, segundo elas, não vêm em outros terreiros. Atualmente o termo tobôssa é usado apenas fora da Casa das Minas-Jeje e designa o conjunto de entidades femininas recebidas como “senhora” (dona da cabeça ou segunda entidade espiritual) pelas filhas-de-santo. Por esta razão, quando falamos aqui em tobôssi nos estamos referindo às meninas da Casa das Minas, e quando falamos em tobôssa nos estamos referindo às “senhoras” recebidas em outros terreiros da mina.

bora possa ocorrer na quarta-feira de cinzas, realiza-se mais freqüentemente: 1) no primeiro dia do ano (quando muitos terreiros no Brasil festejam Iemanjá); 2) no dia 31 de maio ou em outra data de festejo de Nossa Senhora no calendário católico, como 8 de dezembro (festa de Nossa Senhora da Conceição, associada por uns a Iemanjá e por outros a Mãe Maria, e a Oxum); 3) em festa de santa do catolicismo (Bárbara, Luzia, Rosa de Lima e outras). Nestes terreiros a bancada é realizada, preferentemente, no aniversário da principal entidade feminina da casa (geralmente, a “senhora” do pai ou da mãe-de-santo), quando se rende também homenagem às “senhoras” das filhas-de-santo.

Ilustração: Marcos Emílio Epega



### 1 - Bancada na Casa de Santana (São Luís/MA - Zona rural)

Na Casa de Santana, a bancada é realizada no aniversário de Rainha Madalena, no dia 31 de maio. Mas, no dia 12 de dezembro de 1993, realizou-se ali uma bancada para a “senhora” de Dona Nenem - filha-de-santo de um terreiro já desaparecido (de Mãe Irenéia), que está “encostada” ali desde 1969<sup>3</sup>. Dona Nenem trabalha na Coliseu, empresa encarregada da limpeza urbana de São Luís, e zela pelo Terreiro da Turquia com Pai Euclides (da Casa Fanti-Ashanti), que assumiu a chefia da casa após o falecimento de sua fundadora. Embora Pai Euclides e Dona Nenem não sejam filhos da Turquia são ligados a ele por receberem encantados da família do Rei da Turquia - seu chefe espiritual.

Santana é uma das muitas mães e pais-de-santo de São Luís que não se definem como umbanda e que continuam resistindo ao fascínio do candomblé, embora não tenham vinculação com as centenárias casas das minas e de nagô, e tenham iniciado sua carreira como “curador” (na linha de Cura/Pajelança). Apesar

de ter, há muito, se tornado “mineira”, continua realizando festas e rituais de Cura/Pajelança. Como outros pais-de-santo de São Luís que começaram a trabalhar como curador, realiza também, em sua residência, sessões de “mesa branca” (presidida por pessoa a ela ligada) e, no sítio, onde fica sediado seu terreiro, a tradicional festa do Espírito Santo. Além de muito conhecida em São Luís como mãe-de-santo e “curadeira”, é muito procurada como bordadeira. Santana passa muitas horas do dia e da noite na máquina de costura bordando, em “richelieu”, as toalhas usadas na guma (barração) por pessoas de sua casa e de muitos outros terreiros da capital e do interior do Maranhão<sup>4</sup>.

Segundo informação de Santana (mãe-de-santo), a “senhora” de Dona Nenem, que nunca “arreará” na mina, veio nela na casa Fanti-Ashanti, quando assistia a um candomblé. Como ela não gosta muito de candomblé, resolveu dar sua obrigação na mina, no terreiro onde é “encostada”. Escolheu para Madrinha Dona Celeste, da Casa das Minas-Jeje, de quem é muito amiga e que se responsabiliza pelo bolo confeitado e pelas lembranças distribuídas aos convidados (uma cestinha de flores). Para diferenciar aquela bancada da que é realizada ali no mês de maio, na festa de Rainha Madalena, com todas as dançantes usando saia de mesma cor, as participantes usaram saias diferentes.

Encontravam-se no terreiro, além do pessoal da casa, seus familiares e amigos, muitos vizinhos (moradores do bairro - alguns como convidados e outros atraídos pelo movimento da casa). Havia também na assistência pessoas de vários terreiros: da Casa das Minas, do terreiro de Mãe Elzita (membro do Intecab, como

<sup>3</sup> No tambor de mina, o termo “encostado” designa as pessoas de um terreiro que não foram iniciados ali (que o pai ou a mãe-de-santo não “colocou a mão em sua cabeça”).

<sup>4</sup> Embora a bancada seja um ritual de mina, é também realizado, em São Luís, em terreiros que se definem como umbanda, e para entidades da linha de cura/pajelança. Não sabemos quando ela começou a ser realizada no terreiro de Santana. Em 1985, quando ela bordou uma toalha para uma exposição realizada no Museu de Cultura Popular, por ocasião do colóquio internacional da Unesco sobre *Vivências da religião africana na América e no Caribe*, ela já ocorria ali com grande pompa.



Dona Nenem, muito amiga de Dona Celeste, sua presidente), terreiro de Adelmo (pai-de-santo muito ligado a Santana, que também sentou naquela bancada para "arreada" de sua "senhora"). Naquela mesma data (véspera da festa de Santa Luzia) realizou-se, na Casa Fanti-Ashanti, o baião - baile de sanfona, com pandeiro e instrumentos de corda, participado por entidades femininas da linha Cura/Pajelança - princesas e caboclas, descrito por nós em outro trabalho (Ferretti, M.R. 1991 e 1993:359).

A "senhora" de Dona Nenem é Rainha Dina, também conhecida na mina por Fina Jóia, esposa de Dom João. Foi ela quem determinou tudo na bancada, com grande antecedência. Santana, como era de se esperar, sentou com Rainha Madalena. Didi (dançante do terreiro da Turquia, também encostada naquela casa), com Menina do Maracujá, Sulica com Flor de Lys, Concita (guia da casa) com Princesa Flora, Adelmo (pai-de-santo visitante) com Moça Laura, Alice com Borboletinha, uma dançante da casa, com Linda, e duas outras com encantadas, cujo nome não chegou ao nosso conhecimento.

Não sendo filha da casa, observamos apenas a parte pública do ritual, realizada no barracão. À tarde, quando chegamos, os tambores (abatás e mata) estavam no salão, e o altar já estava enfeitado, podendo ser visto entre os santos as imagens de Santa Luzia, São João e São Sebastião. Encontramos a casa cheia de crianças, cada uma com uma sacola de plástico na mão, prontas para receber os alimentos que lhes seriam ofertados na bancada. A mesa começou a ser armada depois da nossa chegada. Primeiro o chão foi forrado com esteiras cobertas por toalhas brancas e bordadas. Depois, foram trazidas para o salão, em tabuleiros, bacias, travessas, tigelas e pratos; frutas, batata doce, amendoim, pipoca, bolos, cocada, mariola, balas, chocolates, biscoitos e outros alimentos. Em seguida, foram trazidas para o salão, pelas auxiliares, as garrafas de refrigerante, licor, refresco e de outras bebidas não alcoólicas. Depois de armada, a mesa foi enfeitada com vasos de flores e, em torno dela, foram colocadas cadeiras forradas de renda (para as encantadas) e banquinhos (para as mulheres que iam ajudá-las na distribuição dos alimentos).<sup>5</sup>

As filhas-de-santo receberam as encantadas antes de virem para o barracão, longe dos olhos da assis-

<sup>5</sup> Na bancada realizada em maio daquele ano, na festa da Rainha Madalena, havia tanta comida que foi difícil conseguir espaço na mesa para tudo o que fora trazido.

tência. Depois de incorporadas, vieram para uma sala que fica antes dele, onde permaneceram em pé ou sentadas, por algum tempo, quase em silêncio. Em seguida, foram para o salão, onde se sentaram em cadeiras que lembravam os tronos que são armados nos terreiros da São Luís, para o Império, na festa do Espírito Santo. Mais da metade destas cadeiras estavam sendo ocupadas ou guardadas por bonecas (geralmente grandes e louras). Observamos que, quando as tobôssas sentaram no "trono", algumas (como Rainha Madalena) colocaram a boneca em pé, ao lado dele e outras ficaram com ela no colo, mas nenhuma brincou com ela. Esta relação, que é idêntica à da Princesa Doralice (Troirinha) e sua boneca, na Cura/Pajelança da casa de Mãe Elzita, contrasta com a dos erês com sua boneca, no candomblé da Casa Fanti-Ashanti.

As tobôssas estavam ricamente vestidas e várias traziam uma manta em miçangas coloridas, no estilo das que eram usadas na Casa das Minas-Jeje pelas tobôssas (entidades femininas infantis - meninas), além do capote de seda ou de renda colocado sobre a blusa em um dos ombros (no estilo das usadas na Casa Fanti-Ashanti pelas princesas no Baião) e que poderia ser um substituto do "pano da costa", usado no Maranhão na Casa das Minas-Jeje, na festa de pagamento. Para marcar a diferença entre aquela bancada e a realizada, em maio, para Rainha Madalena, as saias das tobôssas eram de cores diferentes e duas delas tinham saia estampada (Fina Jóia, de Dona Nenem, e Flor de Lys, de Sulica). Adelmo usou calça e túnica de cetim branco e, sobre esta, manta de miçangas verdes.

No salão, as tobôssas sentaram com suas serventes (moças ou senhoras), próximo aos alimentos que iam distribuir. Na mesa, em frente a cada uma delas, havia um bolo confeitado que, apesar de nunca ser dividido no salão, é sempre colocado na bancada.<sup>6</sup>

A distribuição dos alimentos começou pelas crianças, que iam passando, em fila, com suas sacolas, por cada tobôssa. Ao contrário do que ocorre nas festas de Cosme e Damião e do Espírito Santo, a distri-

<sup>6</sup> Na festa do divino, os bolos confeitados e as lembranças são distribuídos no dia seguinte, entre os que contribuíram mais para sua realização, as pessoas mais ligadas ao festeiro e à casa onde foi realizada. Na bancada da Casa das Minas (Arrambam) a distribuição dos alimentos é feita pelas voduns incorporadas com vodum, mesmo quando elas contaram com a colaboração de "assissis" (pessoas que têm ligação com um vodum mas não entram em transe com ele) na sua aquisição e preparação. Na Casa de Nagô, cada entidade espiritual que senta na bancada se faz acompanhar de uma auxiliar, prática também adotada em outros terreiros de São Luís.

buição realizada na bancada nunca é equitativa (umas pessoas sempre recebem muito mais do que outras), o que é considerado normal, uma vez que decorre de preferências das encantadas e não das filhas-de-santo. Cada pessoa deveria entrar na fila só uma vez, mas algumas crianças e adultos entraram mais de uma vez, o que foi objeto de falatório, mas não foi impedido por ninguém. É possível que alguma delas estivesse substituindo pessoas que não se encontravam ali ou que não podiam ir para a fila.

Como estávamos fotografando, vez por outra uma encantada ou um parente das filhas-de-santo que participavam do ritual nos solicitava uma foto. Terminada a distribuição e retirados da "mesa" os bolos confeitados, as encantadas deixaram o salão e se sentaram, com suas bonecas, na sala onde sentaram antes, aguardando o início do "toque". Enquanto isso, suas auxiliares dividiam o bolo confeitado e as lembranças da festa entre pessoas escolhidas pelas encantadas. Observando que três delas não tinham bonecas (a de Adelmo e a de duas dançantes) e indagando sobre o motivo desta diferença, fomos informados por uma pessoa da casa que "só as princesas dançavam com bonecas". Em outra ocasião, Adelmo nos esclareceu que, em sua casa, as tobôssas não levavam boneca para o barracão porque ele "achava feio gente grande com boneca".

Logo que a mesa foi desfeita, uma equipe providenciou a limpeza do local, para que o "toque" pudesse ser iniciado, pois, apesar das "senhoras" gostarem de dançar, nunca ficam incorporadas até "altas horas" da noite.

## 2 - Tambor das tobôssas na Casa de Santana (12/12/1993)

No dia 12 de dezembro de 1993, após a bancada da "senhora" de Dona Nenem, descrita anteriormente, foi realizado um toque de tambor na casa de Santana. O ritual não começou com "ibarabô", canto de abertura da Mina-nagô para Legba ou Exu, e sim com uma saudação ao terreiro, prática muito adotada em casas abertas por curador:

"Salvar, salvar, terreiro novo de meu pai"

Como de costume, dançou-se as primeiras músicas indo e vindo em direção aos tambores. Depois, o grupo fez uma roda, e em seguida ficou alternando esses dois movimentos básicos de acordo com a "doutrina" que ia sendo "puxada". Após serem cantadas as "doutrinas" obrigatórias, cada encantada "puxou" pelo menos uma "doutrina" falando de si ou reverenciando os donos da casa ou a entidade espiritual de sua família. A dança delas era lenta, desanimada e sem rodadas - muito diferente da apresentada pelas encantadas do baião que estava sendo realizado, naquele momento,

na Casa Fanti-Ashanti (geralmente, caboclas e mais ligadas à linha de Cura/Pajelança). As tobôssas quase não olhavam para a assistência. Apesar de muitas cantarem com "voz de criança mimada", nenhuma veio para o barracão com sua boneca.

Durante o toque, Rainha Dina tinha as mãos sempre cobertas pelo capote ou enroladas na "pana" - lenço grande de cetim, usado principalmente em terreiros de curadores e no tambor da mata (linha de Codó - estilo do interior do Maranhão). Este procedimento foi também por nós observado em 1993, no terreiro de Pai Jorge Itaci, em "toques" para tobôssas. Depois de dançarem por algum tempo, as tobôssas "deram passagem" aos caboclos, que ficaram incorporados nas filhas-de-santo que as receberam até o encerramento do ritual ou até se esvaziar a última garrafa de bebida comprada para a festa (como acontece com Seu Beberão, "caboclo farrista de Santana", e com muitos encantados da Turquia).

## IV

### Entidades espirituais femininas no tambor de mina do Maranhão: tobôssis e senhoras

A importância das entidades espirituais femininas no tambor de mina é uma questão complexa. Sendo em número menor que as masculinas, recebidas com menor frequência e permanecendo "em terra" por menos tempo. Parecem ter uma importância menor. No entanto, são recebidas com orgulho pelos "mineiros" e para elas são realizadas obrigações dispendiosas, festas e rituais especiais, que atraem para o terreiro pessoas de todas as idades e muitas crianças. E, na Mina-Jeje, existe um culto especial para entidades femininas infantis, as tobôssis (meninas), que, apesar de ter chamado a atenção de muitos pesquisadores, está longe de ser compreendido.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Bastide (1978; 1974; 1971) levanta várias hipóteses sobre as tobôssis. Para ele, elas seriam equivalentes a ibêjis ou a erês do candomblé, ancestrais da família real cultuados, que levam as voduns a um estado de semitransê; e, citando Verger (1957), questiona se não seriam um estágio inicial de incorporação de vodum. Na pressuposição de que todos os voduns da Casa das Minas são masculinos (no que se equivocou) sugere que as tobôssis são femininas porque os voduns são masculinos. Além da necessidade de continuação da pesquisa na Casa das Minas-Jeje, é necessário um estudo comparativo com o candomblé Jeje-Mahi da Bahia e com outras manifestações religiosas originárias do antigo reino do Dahomé (Benim) como a Regra Arará de Cuba, o vodum do Haiti e com as religiões tradicionais do Benim.

Mas, se as entidades femininas têm uma presença tão grande na mina por que são tão ausentes no barracão (espaço ritual onde são realizados os toques de mina) e por que raramente são “donas da cabeça” ou dos terreiros?! Observações realizadas em São Luís nos têm levado à conclusão que as entidades espirituais femininas raramente são donas de terreiro ou “da cabeça” dos filhos-de-santo. São minoritárias no barracão. E permanecem “em terra” por menos tempo do que as masculinas, não por serem menos importantes, mas, porque são femininas.

Indagando certa vez a Pai Euclides, da Casa Fanti-Ashanti, por que o baião (ritual da linha de cura/pajelança para entidades femininas) termina mais cedo do que os toques de mina e porque as encantadas recebidas nele não vêm com maior frequência, obtivemos a seguinte explicação: “no baião vêm moças de categoria alta, moça volta cedo para casa e não anda saindo todo dia”...

Apesar da mulher ter na mina uma posição muito elevada, a análise de rituais realizados para entidades espirituais femininas recebidas como “senhoras” mostra que a representação da mulher no tambor de mina parece não se distanciar muito do estereótipo machista de mulher, expresso claramente nas mensagens do dia das mães (segundo domingo de maio, mês de Maria e de muitas festas para tobôssas) que são veiculadas pelos meios de massa. Tal como as mães brasileiras, as entidades espirituais femininas recebidas como “senhoras” são representadas em São Luís como “santas” (recatadas), rainhas (reservadas), maternais e domésticas, no que parecem imitar a “Virgem Maria”, mãe de Jesus.

Na sociedade brasileira, embora a mulher seja quase sempre submissa ao homem (que assume a maioria das posições de comando), é frequentemente apresentada como rainha (do lar), tendo a casa como o seu verdadeiro espaço de atuação - daí a denominação de “rainha do lar”. Apesar desta ideologia não encontrar grande fundamento na realidade dos terreiros de mina - chefiados principalmente por mulheres - parece influenciar a concepção de entidades espirituais femininas, fazendo com que elas se apresentem ali como subordinadas às masculinas e permaneçam “em terra” por menos tempo que aquelas.

Na mina, a figura das entidades femininas parece também associada à fertilidade, como a das Iamí Oxorongá africanas, daí porque, fora das centenárias casas das Minas-Jeje e de Nagô, o ritual da bancada

(onde há abundância de alimentos e grande número de crianças) é sempre realizado como uma obrigação de tobôssa (senhora). A distribuição não equitativa de alimentos na bancada, em contraste com a realizada nos terreiros nas festas de Cosme e Damião e do Divino Espírito Santo (do catolicismo popular), aponta para as matrizes não cristãs da representação feminina no tambor de mina. Mas, se tem poder sobre a fertilidade, tal como as Iamí Oxorongá (Augras, 1989), não são temidas ou representadas como terríveis, embora, quando distribuem alimentos, possam dar muito a uns e quase nada a outros.

A análise da bancada e do tambor de tobôssa, realizados fora das Casas das Minas-Jeje e de Nagô, chama atenção ainda para outros aspectos da representação da mulher no tambor de mina. Naqueles rituais as “senhoras” aparecem, frequentemente, com bonecas e, não raramente, exibem um comportamento infantil. Sem querer negar a existência desse traço nos estereótipos de mulher da sociedade brasileira, gostaríamos de chamar atenção para a associação havida na mina entre as tobôssas da Casa das Minas-Jeje (meninas) e as entidades recebidas como “senhoras” em outros terreiros. Não é por acaso que estas são, genericamente, denominadas tobôssas e que usam, frequentemente, a tradicional manta de miçangas das tobôssas da Casa das Minas\*.

O estereótipo de mulher como frágil, dominada e imatura (chorona e manhosa como uma criança mimada), encontrado em muitos domínios da cultura brasileira, deve ter contribuído para que a fusão senhora-menina fosse realizada na mina quase sem crítica. Fora da reação de Pai Adelmo: “lá em casa tobôssa não sai com boneca porque acho feio gente grande com boneca”, não encontramos ninguém questionando os traços infantis apresentados pelas tobôssas (senhoras) nos rituais observados. Mas o comportamento infantil das entidades femininas recebidas na mina como “senhoras” torna-se mais compreensível quando se considera

\* A extensão às “senhoras” de características das tobôssas Minas-Jeje pode explicar o comportamento infantil de entidades espirituais femininas em outros terreiros, tanto na bancada como no tambor de tobôssa como fala “tepe-tepe” (observada em Rainha Madalena, no terreiro de Santana), expressão fisionômica dengosa ou infantil (observada em Iemanjá, no terreiro de Jorge), dança com pulinhos (como observamos no terreiro de Elzita, na festa das moças, e em Dona Dôro, recebida por Lucimar, da Casa Fanti-Ashanti, no terreiro da Turquia).



a influência exercida pela Mina-Jeje no tambor de mina do Maranhão e a impressão deixada pelas tobôssis da Casa das Minas-Jeje no meio religioso afro-maranhense.<sup>9</sup>

A boneca, que aparece na bancada e às vezes também no tambor de tobôssa, embora possa ser considerada um brinquedo de menina, parece ser ali um símbolo de feminilidade (daí porque as tobôssas não brincam com ela). Nos pejis cubanos ela é também encontrada com saias longas e rodadas cobrindo as jarras de orixás femininos (negras, nas de Iemanjá e louras ou mulatas, nas de Oxum). Nos terreiros de São Luís, a boneca aparece também como símbolo de nobreza, tanto na mina, como na cura/pajelança, o que nos foi explicado por uma senhora no terreiro de Santana: “princesa dança com boneca”...

Como já foi mencionado, na bancada as tobôssas recebem um tratamento principesco e são apresentadas nos toques realizados para elas como nobres - com vestimentas caras e especiais, comportamento reservado, sem se misturar com a assistência - bem diferentes das caboclas, que gostam de cumprimentar a assistência, de dar rodadas no salão e de permanecer “em terra” após os rituais (às vezes para beber e animar a festa com suas brincadeiras). Na Mina-Jeje as tobôssis são comandadas por Nochê Naê (a grande mãe) - vodum da família real que não incorpora - e são tratadas ali como princesas.<sup>10</sup>

Embora haja pontos em comum entre as tobôssas (senhoras) e as tobôssis (meninas), é preciso não esquecer que na Casa das Minas-Jeje as tobôssis não se confundem com voduns femininos, nem mesmo quando esses são toqüenos (adolescentes) ou desempenham funções análogas às deles. Nunca são recebidas como “senhoras” (donas da cabeça) como são, por exemplo, Abê e Nochê Decê (voduns femininos adulto e toqüeno), daí porque não participam dos toques. São meninas, “sinhazinhas”, recebidas apenas nas festas e obrigações maiores, tanto pelas vodunsis-gongai que tinham vodum masculino (“senhor”) como pelas que tinham vodum feminino (“senhora”). E são consideradas mais puras e mais próximas às pessoas do que os voduns (comem, dormem, tomam banho, têm medo de mascarado). Já as tobôssas recebidas em outros terreiros vêm sempre como “senhoras” (donas da cabeça ou ajuntó). Na Mina-Jeje os voduns femininos são recebidos em todos os rituais e permanecem “em terra” por

<sup>9</sup> Como as tobôssis só eram recebidas por vodunsis-gongai e a Casa das Minas deixou de fazer iniciação completa, elas desapareceram em meados dos anos sessenta (segundo cálculos de Sérgio Ferretti).

<sup>10</sup> Para Sérgio Ferretti (1989:186) o culto a Naê pode ser comparado ao das Iamí Oxorongá da Nigéria, Benim e outras regiões da África - mães ancestrais respeitadas e temidas, que não incorporam e que têm o poder de se transformar em pássaros.

tanto tempo quanto os voduns masculinos, mesmo quando pertencem à família real e são toqüenos (adolescentes).

As tobôssis Mina-Jeje parece que também não se confundem com as meninas recebidas hoje na Casa de Nagô. Além de se afirmar na Casa das Minas-Jeje que tobôssis (meninas) só existem na Mina-Jeje, antes da bancada de 1994, ouvimos de Dona Lúcia (atual chefe da casa) a seguinte explicação: “nós aqui não temos tobôssi, tobôssi é lá em cima, em jeje, nós temos é menina”. E ainda, observações do comportamento das entidades femininas, em rituais atualmente realizados



Ilustração: Marcos Emionã Epega

na Casa de Nagô, têm demonstrado que elas se aproximam mais das “tobôssas” de outros terreiros do que das “tobôssis” da Casa das Minas. Na Casa de Nagô as entidades femininas (adultas e meninas) participam de rituais com as entidades masculinas (bancada, toque) e são, geralmente, recebidas como “senhoras” (donas da cabeça ou ajuntó)<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> É preciso lembrar que a Casa de Nagô, como a Casa das Minas, deixou de fazer iniciações completas por volta de 1915 e que, segundo informação de Mãe Dudu (falecida em 1989 com mais de cem anos) a Sérgio Ferretti (1985), a mina-nagô tinha tobôssis como as da Casa das Minas-Jeje.



Existe ainda uma característica apresentada pelas “senhoras” no tambor de tobôssa que não foi aqui analisada: as tobôssas dançam, geralmente, com as mãos encobertas. Como na bancada as “senhoras” são tratadas como a nobreza na festa do Divino Espírito Santo (sentam em cadeiras cobertas por rendas, têm roupas luxuosas etc.) e nesta festa a nobreza usa luvas, cobrir as mãos pode ser mais um símbolo de nobreza. Mas, as tobôssas com suas mãos encobertas lembram também imagens da Virgem Maria com seu manto nas mãos. A identificação das “senhoras” da mina com a Nossa Senhora do catolicismo, religião também professada pelo pessoal dos terreiros de São Luís, que já foi lembrada, pode também explicar o comportamento recatado e reservado daquelas encantadas, em contraste com o das caboclas (menos identificadas com a mãe de Jesus e com as santas católicas do que as “senhoras”).

## V Conclusão

A representação da mulher no tambor de mina é influenciada pela ideologia dominante (machismo, catolicismo) mas não pode ser reduzida a ela. Muitos traços das entidades espirituais do tambor de mina só podem ser bem interpretados levando-se em conta sua origem africana e peculiaridades do campo religioso afro-maranhense (influências das Casas das Minas e de Nagô etc.). Assim, reproduz, em parte, a ideologia dominante na sociedade brasileira, mas apresenta aspectos que só podem ser bem interpretados conhecendo-se o contexto específico em que foi produzida.

Gramsci (1978), em *Literatura e vida nacional*, chama atenção para a heterogeneidade do momento histórico e para a existência na mesma época e na mesma sociedade de obras que refletem as concepções dominantes e outras a realidade vivida por grupos não hegemônicos. No caso brasileiro, o negro, além de constituir um desses segmentos não hegemônicos, tem tradições culturais próprias e estas tradições são encontradas de forma bastante viva nos terreiros de religião afro-brasileira. Por conseguinte, não se pode estranhar que representações da mulher no tambor de mina de São Luís reproduzam a ideologia dominante mas reflitam também outras formas das relações sociais, outros valores e visões de mundo.

Ao mesmo tempo que o culto às tobôssas e tobôssas tem a ver com o matriarcado da mina, revela o machismo dominante na sociedade brasileira e tão forte no Maranhão. Assim, na mina, as entidades espirituais femininas são objeto de um culto especial, dispendioso, mas aquelas entidades são recebidas por um número menor de médiuns, vêm poucas vezes por ano e, fora da Mina-Jeje, permanecem “em terra” por pouco tempo. Isto significa que, em última análise, elas deixam o campo livre para a atuação das entidades masculinas. Embora não se possa dizer que na Casa das Minas-Jeje as tobôssas estão acima dos voduns toqüenos (adolescentes) e que as tobôssas são superiores às entidades espirituais masculinas, recebidas como senhores em outros terreiros, há mais exigências para que elas sejam recebidas. Elas, geralmente, só vêm em quem tem grau iniciático elevado e nas festas e obrigações maiores ou mais “finas”. Contudo, estão, geralmente, abaixo das entidades masculinas - que são maioritárias como chefes espirituais de terreiro e como “donos da cabeça” dos mineiros.

A importância da mulher no tambor de mina como mãe de terreiro e filha-de-santo associada à grande impressão causada pelas tobôssas da Casa das Minas-Jeje podem ser apontadas entre os fatores responsáveis pelo orgulho dos “mineiros” pelas suas “senhoras”, pela existência nos terreiros de São Luís de rituais especiais para elas e pelo esmero com que esses rituais são realizados. Mas a representação da mulher no tambor de mina, embora apresente muitos traços em comum, varia de casa para casa. É de se esperar que apresente diferenças significativas quando se compara casas dirigidas por mulher com casas dirigidas por homens, terreiros de mina apegados aos modelos das Casas das Minas e de Nagô com terreiros de mina de caboclo, terreiros que se definem como umbanda e terreiros de mina que introduziram o candomblé.

Nas representações aqui analisadas, as entidades espirituais femininas, recebidas como “senhoras” na mina maranhense, aproximam-se da Iemanjá e distanciam-se da pomba gira da umbanda (Augras, 1989) e correspondem à mulher onírica (que se opõe à “piranha”), encontrada por Berlink (1976) em análise de letras de samba: frágil, graciosa, desligada, “diferente da mulher que se tem”. Com efeito, enquanto na Mina-Jeje as tobôssas são consideradas mais puras do que os voduns, as mulheres são vistas como mais sujeitas a impurezas do que os homens, pois, além do contato com a morte e da atividade sexual (que torna o “corpo

sujo”), são contaminadas pelo sangue menstrual e pelo parto.

Na representação de entidades espirituais caboclas ou não recebidas como “senhora” (“dona da cabeça” ou ajuntó) estes modelos se apresentam em graus diferentes e combinados, permitindo a distinção de um número maior de modelos femininos.

### Bibliografia

- AUGRAS, Monique. “De yá mi a pomba gira - Transformações e símbolos da libido”. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Meu sinal está em teu corpo*. São Paulo, Edicon/Edusp, 1989
- AUGRAS, Monique. “Os gêmeos e a morte - Notas sobre os mitos dos ibeji e dos abiku na cultura afro-brasileira”. In: MOURA, Carlos Eugênio M. de. *As senhoras do pássaro da noite - Escritos sobre a religião dos Orixás*. v.5. São Paulo, AM/Edusp, 1994
- BARBOSA, Maria Venina C. (Venina d’Ogum). *A mulher negra e a religião afro-brasileira* (texto elaborado para reunião do Intecab/MA), 1994
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuições a uma Sociologia das interpretações de civilizações*. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1971
- BASTIDE, Roger. *As américas negras - As civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo, Difel, 1974
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia - Rito nagô*. 2ª edição, São Paulo, Editora Nacional, Brasília, 1978
- BERLINK, Manoel Tosta. “Sossega leão - Algumas considerações sobre o samba como forma de cultura popular”. In: *Contexto*, n.1, novembro 1976, p.101-114
- BIRMAN, Patrícia. *Fazer estilo criando gêneros - Estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros da Baixada Fluminense*. Tese de doutorado em antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988
- BRILMAN, Sonja. *Minha religião, uma questão de fé, irmã! - Uma reflexão teológica na prática religiosa das negras da tradição religiosa afro-brasileira dos tambores de mina*. Amsterdam, Universidade de Amsterdam, 1989 (adaptação de capítulo de monografia de mestrado, 21p.)
- BOYER-ARAÚJO, Veronique. *Femmes et cultes de possession au Bresil - Les compagnons invisibles*, Paris, L’Harmattan, 1993
- COSTA EDUARDO, Octávio da. *The Negro in Northern Brazil - A Study in Acculturation*. New York, J.J Augustin Publisher, 1948
- FERRETTI, Mundicarmo Maria R. *Tambor de mina, cura e baião na Casa Fanti-Ashanti/MA*, São Luís, Secma, 1991 (disco e folheto)
- FERRETTI, Mundicarmo Maria R. “Rei da Turquia o Ferrabrás de Alexandria?” In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Meu sinal está em teu corpo*. São Paulo, Edicon/Edusp, 1989
- FERRETTI, Mundicarmo Maria R. *Desceu na quma - O caboclo do tambor de mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti*. São Luís, Sioge, 1993
- FERRETTI, Sérgio F. *Querebentan de Zomadunu - Etnologia da Casa das Minas*. São Luís, EDUFMA, 1985
- FERRETTI, Sérgio F. “Voduns da Casa das Minas”. In: MOURA, Carlos Eugênio M. de. *Meu sinal está no teu corpo*. São Paulo, EDICON/USP, 1989
- FERRETTI, Sérgio F. *Repensando o sincretismo - Estudo sobre a Casa das Minas*. Tese de doutorado, USP/FFLCH, 1991
- GRAMSCI, Antônio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro, Civilizações Brasileiras, 1967 (edição original em inglês, 1947)
- LEITE, Sílvia Cristina Costa. *A mulher negra no Maranhão*. Monografia de especialização em sociologia, UFMA, 1984
- LIMA, Vivaldo da Costa. *a família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia - Um estudo de relações intra-grupais*. Dissertação de mestrado. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1977
- PEREIRA, Manoel Nunes. *A Casa das Minas - Contribuição ao estudo do culto dos voduns, do panteão daomeano, no Estado do Maranhão - Brasil*, 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1979
- SANTOS, Maria do Rosário C. e SANTOS NETO, Manoel dos. *Boboromina - terreiros de São Luís - Uma interpretação sócio-cultural*. São Luís, SECMA/SIOGE, 1989
- SEGATO, Rita Laura. “Inventando a natureza - Família, sexo e gênero no xangô do Recife”. In: MOURA, Carlos Eugênio M. de. *Meu sinal está no teu corpo*. São Paulo, EDICON/EDUSP, 1989
- SILVERSTEIN, Leni M. “Mãe de todo mundo - Sobre vivência nas comunidades de candomblé da Bahia”. In: *Religião e Sociedade*, n.4, 1979, p.142-169